

ENSINAR HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA SOB NOVAS LENTES: UM OLHAR SOBRE A ONHB COMO PROVOCAÇÃO PEDAGÓGICA E SEUS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS.

Luiz Gustavo Barbosa Cruz ¹
Francisco Weverton Paula dos Santos ²
João Vitor Andrade Santos ³
Jéssica Martins Guedes ⁴

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a prática docente em História a partir da participação de estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), realizada na Escola Municipal Maria da Hora, localizada no bairro Autran Nunes, em Fortaleza/CE. A ONHB surge em 2009, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), como uma proposta inovadora entre as tradicionais olimpíadas escolares brasileiras — majoritariamente voltadas às ciências exatas. Nesse contexto, a ONHB se diferencia ao propor uma abordagem interdisciplinar, com base em fontes históricas, textos, mapas e imagens, buscando promover o pensamento crítico e o letramento histórico. Contudo, é preciso reconhecer que, embora inovadora, a Olimpíada ainda reproduz lógicas competitivas e meritocráticas, o que impõe desafios para sua integração plena ao cotidiano escolar, especialmente nas escolas públicas. Esta pesquisa busca compreender como a experiência com a ONHB contribui para a ressignificação das práticas docentes e para o fortalecimento do ensino de História em uma perspectiva participativa dos educandos. A metodologia adotada será qualitativa, configurada como estudo de caso, usando a observação do participante e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos. Os dados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, com atenção a categorias como engajamento estudantil, práticas investigativas e inovação pedagógica. Espera-se que os resultados evidenciem a ONHB como ferramenta potente para o ensino de História, ao mesmo tempo em que se refletia criticamente sobre suas limitações institucionais. Conclui-se que a ONHB pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes, desde que integrada com intencionalidade pedagógica ao processo formativo escolar. A pesquisa fundamenta-se em Rüsen (2001), ao conceber o ensino de História como formação da consciência histórica, e em Freire (1996), ao valorizar práticas dialógicas e críticas no processo educativo, articulando teoria e prática na atuação docente.

Palavras-chave: Ensino de História, Olimpíadas Escolares, Práticas Docentes, Pibid.

1 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, Lgustavocruzbarbosa@gmail.com;

2 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, weverton4140@gmail.com;

3 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, jva.santos12@gmail.com;

4 Mestra pelo Curso de **História** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, jmartinsguedes@gmail.com;



INTRODUÇÃO

O ensino de História nas escolas públicas brasileiras tem enfrentado, nos últimos anos, um processo de reconfiguração profunda, marcado pela necessidade de conciliar o compromisso social da educação com as novas linguagens e modos de aprendizagem dos estudantes. A presença de múltiplas fontes de informação, a velocidade das redes digitais e a fragmentação das experiências cognitivas desafiam o professor a reinventar o modo de ensinar e aprender o passado. Nesse contexto, destaca-se a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), organizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que desde 2009 propõe uma abordagem investigativa e crítica do ensino de História, por meio de desafios semanais, análise de fontes e debates coletivos. É nesse cenário que a perspectiva freireana reforça a relevância dessa prática, pois, como afirma Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”, enfatizando que o aprendizado só ganha sentido quando dialoga com as vivências concretas dos estudantes (FREIRE, 1996).

A ONHB surgiu como uma experiência pioneira entre as olimpíadas escolares, até então voltadas majoritariamente às ciências exatas. Seu formato propôs um modelo de aprendizagem colaborativa, voltado à análise de fontes históricas, mapas, textos e imagens. A intenção é provocar a curiosidade dos estudantes e fortalecer o letramento histórico, entendendo que pensar historicamente é compreender o mundo a partir de uma relação crítica com o tempo. Contudo, ao longo dos anos, à medida que a Olimpíada cresceu em alcance e popularidade, ultrapassando a marca de 225 mil estudantes inscritos na edição de 2025, segundo dados oficiais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (AGÊNCIA GOV, 2025), a competição também passou a reproduzir, em parte, lógicas meritocráticas e mercadológicas. A valorização excessiva dos resultados que revelam um descompasso entre o ideal formativo da ONHB.

A Escola Municipal de Tempo Integral Maria da Hora, localizada no bairro Autran Nunes, em Fortaleza (CE), atende estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Nessa instituição, atuamos como bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Na olimpíada, a participação expressiva do 8º e 9º ano provocou um importante movimento



de ressignificação pedagógica. O que inicialmente se apresentava como um desafio⁵ competitivo transformou-se em uma oportunidade de reflexão coletiva sobre o papel da História e do conhecimento escolar na construção de sujeitos críticos. A equipe escolar percebeu que, mais do que buscar a ida a Campinas, a Olimpíada poderia ser utilizada como ferramenta para conectar os conteúdos às experiências de vida dos estudantes e às problemáticas do território. As discussões geradas pelas tarefas da ONHB, especialmente aquelas que abordam temas como desigualdade social, movimentos populares, racismo e gênero, permitiram que a escola se tornasse, ela própria, um espaço de produção de sentido histórico.

A pesquisa parte dessa experiência e tem como objetivo central analisar de que maneira a ONHB, enquanto prática pedagógica, pode contribuir para a formação bem como para a ressignificação das práticas docentes no ensino de História. Os objetivos específicos consistem em compreender o papel do professor como mediador nesse processo; identificar os impactos da Olimpíada no engajamento e na autonomia dos estudantes; e discutir as tensões entre o caráter formativo e o caráter competitivo da ONHB, à luz das condições estruturais da escola pública. Ao propor essa análise, busca-se evidenciar que o ensino de História, quando articulado a experiências como a ONHB, pode se tornar um espaço privilegiado de formação cidadã e de desenvolvimento da consciência histórica.

Metodologicamente, a pesquisa assume caráter qualitativo, configurando-se como estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, complementadas por análise documental das tarefas e materiais disponibilizados pela Olimpíada. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir compreender os significados atribuídos pelos sujeitos à experiência vivida, respeitando a complexidade dos contextos extraescolares. A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo, considerando categorias como engajamento discente e diálogo. Esses procedimentos permitiram identificar como a ONHB se insere no cotidiano escolar e quais transformações ela desencadeia nas práticas e nas percepções dos participantes.

5 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), através do Programa Institucional de Iniciação à Docência, (PIBID)



Os resultados parciais apontam que, ao ser incorporada de forma intencional e engajada ao currículo, a ONHB favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual e o fortalecimento do pensamento crítico. Longe de invalidar a experiência, reforça a necessidade de uma leitura crítica da Olimpíada, de modo que seu potencial formativo não seja ofuscado pela lógica do desempenho. Ao discutir a ONHB sob novas lentes, busca-se compreender de que maneira o ensino de História pode ser reinventado na escola pública, resgatando seu papel como campo de formação ética, política e emancipatória. Em um cenário marcado por desigualdades, investigar experiências que reanimam o diálogo e a reflexão histórica é reafirmar a educação como prática de liberdade e a escola como espaço de resistência e transformação.

METODOLOGIA

A pesquisa tem abordagem qualitativa e foi desenvolvida como estudo de caso, com o objetivo de compreender os significados atribuídos por alunos e professores à participação na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), realizada na Escola Municipal Maria da Hora, em Fortaleza (CE). O enfoque qualitativo foi escolhido por permitir observar processos formativos, transformações pedagógicas e experiências vividas no interior da prática educativa, priorizando a escuta, o olhar interpretativo e o registro do cotidiano escolar como instrumentos de produção de conhecimento.

O campo empírico envolveu os momentos de resolução das questões da ONHB em sala de aula, com a participação simultânea das equipes, mediadas pelos professores. O grupo observado foi composto por 2 professores, 8 bolsistas e 10 equipes de estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. As observações se concentraram nas interações, nas estratégias de discussão e nas formas como os alunos se apropriaram dos conteúdos e dialogaram entre si. A coleta de dados ocorreu por meio de observação de contribuição dos participantes nas discussões e foi complementada por conversas informais com os professores e estudantes. A análise de conteúdo orientou o tratamento dos dados, organizados em categorias como engajamento discente. Assim, a metodologia constituiu-se como um processo de imersão e reflexão, compreendendo a ONHB não como evento competitivo, mas como experiência formativa coletiva, articulando teoria, prática e diálogo no cotidiano da escola pública.



REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de História, enquanto campo de conhecimento e prática educativa, tem sido atravessado por disputas quanto ao seu papel social e pedagógico. Desde o final do século XX, pesquisadores questionam o modelo tradicional baseado na memorização de fatos e datas, propondo um ensino voltado à formação da consciência histórica, entendida como a capacidade de articular passado, presente e futuro na construção de identidades e projetos coletivos. Essa perspectiva rompe com a concepção positivista, que reduz o aprendizado a informações isoladas, e valoriza uma compreensão crítica dos processos e das relações sociais.

O conceito de consciência histórica, formulado por Rüsen (RÜSEN, 2001, p. 20), é central nesse movimento. Para o autor, ela permite ao sujeito dar sentido às ações humanas e reconhecer o passado como campo de disputas. Quando o aluno entende que o passado é resultado de escolhas, construído com disputa, ele torna-se capaz de agir criticamente sobre o presente.

A ONHB também se mostra um espaço de resistência pedagógica, pois permite que escolas utilizem as discussões propostas pelas tarefas favorecendo o debate sobre racismo, desigualdade, conectando o conteúdo histórico à vivência dos estudantes. Essa dimensão experiencial reforça o que (SCHMIDT E GARCIA, 2008 p. 42) chamam de formação da consciência histórica pela experiência, em que o aluno constrói sentido a partir da relação entre passado e presente. Do ponto de vista teórico, a Olimpíada evidencia o ensino de História como mediação cultural, mostrando que o conhecimento histórico é atravessado por relações de poder e disputas de memória.

Por fim, reafirma-se que o ensino de História na escola pública deve ser entendido como ato político e ético, que ultrapassa o conteúdo e se converte em prática de liberdade e crítica social. A ONHB, embora limitada por desigualdades estruturais, pode cumprir esse papel quando apropriada com intencionalidade pedagógica e compromisso com a emancipação dos sujeitos, reafirmando que ensinar História é ensinar a pensar e agir com consciência e dignidade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início da preparação das equipes, observou-se uma mudança significativa na postura dos estudantes em relação à disciplina. O interesse, antes limitado, transformou-se em curiosidade investigativa e participação ativa. A ONHB, ao propor desafios semanais baseados na análise de fontes históricas, imagens e textos, exigiu dos alunos uma postura reflexiva e colaborativa, estimulando o desenvolvimento de habilidades como leitura crítica, argumentação e interpretação contextual. Essa transformação não ocorreu de forma imediata; foi resultado de um processo gradual, marcado por debates, descobertas e reconfigurações do papel do professor e do aluno.

As observações registradas durante as reuniões preparatórias e os encontros de estudo evidenciaram que os alunos passaram a se engajar de maneira mais autônoma na construção do conhecimento. Durante as tarefas, demonstraram crescente capacidade de formular hipóteses, comparar versões históricas e justificar suas escolhas. Esse movimento reflete o que (RÜSEN, 2001, p. 21) define como o desenvolvimento da consciência histórica, em que o sujeito constrói sentido para o passado e o utiliza como referência para compreender o presente e projetar o futuro. O exercício de responder coletivamente às questões da ONHB exigia dos estudantes o diálogo, o confrontar interpretações e a negociar significados, atitudes que configuram práticas essencialmente democráticas de produção do saber.

Esse tipo de discussão produz um tipo de aprendizado histórico significativo, pois faz o estudante perceber-se como parte das continuidades e rupturas que compõem a experiência humana. Tais momentos de reconhecimento são centrais na formação de uma consciência crítica, pois permitem ao aluno compreender que a História não está apenas nos livros, mas nas práticas sociais, nos discursos e nas relações que ele vivencia diariamente.

Entretanto, o processo também revelou limites e desafios. Um deles está relacionado à infraestrutura e às condições de acesso digital. As etapas iniciais da ONHB são realizadas online, o que exigiu o uso de computadores e acesso à internet — recursos nem sempre disponíveis de forma adequada na escola pública. Em diversos momentos, foi necessário reorganizar o horário das aulas para o intervalo entre as aulas, no almoço. Essa realidade



evidencia o quanto as desigualdades estruturais impactam a democratização de experiências pedagógicas.

Ainda assim, a experiência na escola demonstrou que a mediação crítica dos professores pode ressignificar a Olimpíada e devolvê-la ao seu sentido original: o de ferramenta pedagógica de investigação histórica. Ao transformar as tarefas, os educadores conseguiram deslocar o foco do pódio para o processo, tornando a participação em si um ato de aprendizagem. Esse movimento produziu efeitos concretos: aumento da participação nas aulas e maior interesse dos alunos por temas políticos e sociais, sobretudo quando conseguem identificar similaridades no seu bairro e nas violências que recaem sobre seu corpo.

A análise também permitiu identificar mudanças nas relações interpessoais e no clima escolar. A dinâmica cooperativa das equipes, baseada no diálogo e na escuta, contribuiu para o fortalecimento dos laços de solidariedade entre os alunos. Muitos relataram que aprenderam a respeitar opiniões diferentes e a valorizar a diversidade de ideias dentro do grupo. Essa experiência se conecta diretamente às competências socioemocionais e cidadãs previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância da empatia, da colaboração e da responsabilidade coletiva na formação integral do estudante. A ONHB, nesse sentido, mostrou-se uma prática pedagógica alinhada às demandas contemporâneas da educação, pois articula conhecimento acadêmico, sensibilidade social e consciência ética.

Do ponto de vista dos professores, a participação na ONHB foi descrita como um processo de formação continuada em serviço. A preparação das equipes exigiu estudo, pesquisa e trocas constantes entre os docentes, o que favoreceu o desenvolvimento de uma postura reflexiva sobre o próprio fazer pedagógico. Essa dimensão formativa reforça a ideia de que ensinar História é também um exercício permanente de aprendizagem.

Por fim, os resultados revelam que a ONHB, quando integrada de forma crítica ao currículo, atua como catalisadora de transformações pedagógicas e sociais. Ela desperta nos estudantes o sentimento de pertencimento e a consciência de que são sujeitos históricos, capazes de compreender e intervir no mundo. Apesar das limitações estruturais e da lógica competitiva que a cerca, a Olimpíada pode ser apropriada como instrumento de resistência e de valorização da escola pública. A experiência da Maria da Hora demonstra que é possível



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

transformar um evento nacional em um projeto de formação cidadã local — um espaço de reconstrução da identidade escolar e de reafirmação da educação como prática de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho permite compreender que a Olimpíada é, ao mesmo tempo, uma ferramenta pedagógica potente e um campo de disputas simbólicas e estruturais dentro do sistema educacional brasileiro. Sua criação introduzindo uma proposta de valorização do pensamento crítico e da prática historiadora. No entanto, com o passar dos anos, a ampliação de seu alcance e o crescimento do número de participantes, ultrapassando 225 mil estudantes em 2025, revelaram novas tensões: a competição, antes idealizada como espaço de reflexão coletiva, passou a incorporar traços de competitividade e elitização, reproduzindo parte das desigualdades que marcam a educação brasileira.

A análise do caso da Escola Municipal Maria da Hora mostrou que, apesar dessas contradições, é possível ressignificar a ONHB e utilizá-la como instrumento de transformação pedagógica. Quando inserida de forma intencional no cotidiano escolar e comunitário, a Olimpíada deixa de ser apenas uma disputa por reconhecimento e se converte em experiência formativa, capaz de fomentar o diálogo, a pesquisa e o protagonismo dos estudantes.

Os resultados observados na pesquisa apontam transformações em múltiplas dimensões. No campo cognitivo, os alunos demonstraram maior domínio das habilidades de leitura, interpretação e análise de fontes. No campo afetivo e social, desenvolveram senso de pertencimento, responsabilidade coletiva e empatia, a partir das experiências de trabalho em grupo. E no campo ético e político, passaram a expressar maior sensibilidade para temas ligados às desigualdades sociais, às questões de gênero e às relações de poder, compreendendo que o estudo da História é, também, um exercício de cidadania. Essas mudanças indicam que a ONHB contribui para o desenvolvimento integral do estudante, articulando dimensões intelectuais, emocionais e morais da formação humana.

Do ponto de vista institucional, a experiência revelou a importância da colaboração entre escola e universidade, pois a ONHB representa um espaço de diálogo entre a produção acadêmica e a prática docente. O contato com materiais produzidos por historiadores, o uso de



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

fontes primárias e a discussão de problemáticas atuais aproximam o professor da pesquisa histórica e ampliam sua compreensão sobre o papel social do ensino. Além disso, o trabalho coletivo exigido pela Olimpíada favorece a formação continuada dos docentes, uma vez que estimula o estudo, a troca de saberes e a reflexão sobre as metodologias de ensino. Essa dimensão formativa da ONHB demonstra que a inovação pedagógica não depende apenas de novas tecnologias ou recursos, mas, sobretudo, de novas atitudes intelectuais e éticas diante do conhecimento.

Entretanto, a pesquisa também evidencia limitações e desafios estruturais. As dificuldades de acesso à internet, a escassez de recursos tecnológicos e o tempo reduzido destinado à preparação das equipes são obstáculos recorrentes nas escolas públicas. Além disso, a lógica meritocrática que permeia o formato competitivo pode gerar desmotivação entre estudantes e professores, especialmente quando o desempenho é comparado ao de instituições privadas com maior infraestrutura. Essa desigualdade expõe a necessidade de políticas públicas que democratizem o acesso às olimpíadas escolares e valorizem o processo educativo tanto quanto o resultado final. A superação desses obstáculos exige uma visão mais ampla de educação, que reconheça a importância das experiências coletivas, da cooperação e do direito à aprendizagem crítica.

Ao refletir sobre o papel da ONHB, é possível afirmar que sua maior contribuição não reside na premiação, mas na formação de sujeitos históricos e críticos. Participar da Olimpíada é aprender a pensar com base em evidências, a questionar versões oficiais e a reconhecer as múltiplas vozes que compõem a narrativa do passado. Essa aprendizagem é profundamente política, pois ensina o aluno a identificar relações de poder e a compreender que a História é uma construção humana, sujeita a interpretações. Ao viver essa experiência, o estudante aprende não apenas sobre o passado, mas sobre si mesmo — descobre-se como sujeito capaz de intervir, de agir e de transformar a realidade. Esse é o verdadeiro legado da ONHB: formar cidadãos conscientes e comprometidos com a justiça, a democracia e a dignidade humana.

A experiência na Escola Maria da Hora confirma que a ONHB, quando apropriada criticamente, pode atuar como instrumento de resistência e valorização da escola pública. Em um cenário marcado pela desvalorização do professor e pela precarização das condições de



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

ensino, a Olimpíada oferece uma oportunidade de reconstrução simbólica da autoestima coletiva. Ela mostra aos estudantes que o conhecimento é um espaço possível, acessível e transformador. Mostra aos professores que seu trabalho tem impacto real sobre a vida dos alunos. E mostra à comunidade que a escola pública é capaz de produzir excelência intelectual e compromisso social. Esse processo, ainda que desafiador, reafirma o papel da educação pública como pilar da democracia e espaço de construção da cidadania.

Por fim, as considerações finais desta pesquisa apontam para a necessidade de se ampliar os estudos sobre a integração de práticas inovadoras — como a ONHB — ao currículo escolar. É preciso compreender de que forma essas experiências podem ser sistematizadas e transformadas em políticas educacionais permanentes, capazes de reduzir as desigualdades e fortalecer o ensino de História como campo de formação humana. Também se faz necessário aprofundar a análise sobre o impacto da ONHB na formação docente, identificando como ela contribui para a constituição de um professor-pesquisador, capaz de refletir sobre sua prática e de reinventar o cotidiano escolar.

Em síntese, o percurso deste trabalho demonstra que ensinar História na escola pública sob novas lentes é um ato de resistência e de esperança. Resistência, porque enfrenta a lógica de exclusão e de mercantilização do saber; esperança, porque aposta na capacidade dos sujeitos de transformar o mundo pela compreensão crítica do tempo. A ONHB, com suas contradições e potencialidades, é um espelho dessa luta: ao mesmo tempo em que reflete as desigualdades do país, revela o poder criador da escola pública e de seus educadores. Que esse movimento de reflexão e prática continue a inspirar novas pesquisas, novas metodologias e novas formas de ensinar e aprender História e não como repetição do passado, mas como projeto de futuro.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA GOV. Com número recorde, mais de 225 mil estudantes participam da Olimpíada Nacional em História em todo o país. Brasília, 28 maio 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2025/05/com-numero-recorde-mais-de-225-mil-estudantes-participam-da-olimpiada-nacional-em-historia-em-todo-o-pais>. Acesso em: 19 out. 2025.





FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A difícil democracia: reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo, 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tâmia Maria F. A formação da consciência histórica: fundamentos teóricos e metodológicos. Curitiba: UFPR, 2008.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ (Seduc). Equipes de escolas da rede estadual obtêm quatro medalhas na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). Fortaleza, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/2023/08/28/onhb-equipes-de-escolas-da-rede-estadual-obtem-quatro-medalhas-na-olimpiada-de-historia/>. Acesso em: 19 out. 2025.